

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS, O QUE PENSAM AS CRIANÇAS

Maria Pastora Araújo Queiroz ¹
Zeneide Dos Santos Nascimento ²
Andrea Tereza Brito ³

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender o que as crianças dos anos finais do Ensino Fundamental I, (4º e 5º) ano, pensam sobre as práticas escolares e não escolares de leitura. Como se dá relação das crianças com a leitura na escola e fora da escola, o que as crianças pensam sobre as práticas de leitura vivenciadas por elas. Para isso, utilizamos entrevistas semi-estruturadas e rodas de conversa sobre leitura. Os resultados mostraram o quanto as crianças gostam e se interessam pela leitura de diversos temas e gêneros, dentro e fora da escola, não importa o tipo, a quantidade de páginas que o livro apresenta, basta apenas que a leitura seja prazerosa e agradável, ou ainda que lhes traga informações interessantes. Por tanto concluímos que a leitura é um objeto de desejo das crianças.

Palavras-chave: PRÁTICAS DE LEITURA; ENSINO FUNDAMENTAL; ANOS INICIAIS

1. INTRODUÇÃO

"Ler é estar dentro de si e desafiar o espaço descolado e ainda tão próximo", Tasca (2007).

A leitura é compreendida como elemento essencial em nossa sociedade, é uma atividade social que deve ser objeto de ensino e aprendizagem desde os primeiros anos de escolarização. No processo de leitura, é exigido do leitor habilidades, não somente de associação, como também de interpretação e de reconhecimento de sentidos (conotativos e denotativos). Por meio do contato com os diferentes gêneros textuais que integram as práticas discursivas, faz-se necessário que o leitor compreenda a inter-relação estabelecida com os outros e com a própria linguagem (Magalhães e Paulino, 2014).

¹ Aluna concluinte de Pedagogia da UFPE em 2016.1(mpqueiroz2009@hotmail.com)

² Aluna concluinte de Pedagogia da UFPE em 2016.1(zeneidenascimento@gmail.com)

³ Professora Associada do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino Da UFPE

À escola cabe a responsabilidade de ensinar práticas de leitura e de formar leitores, pois é necessário desenvolver estas competências ao longo do período escolar, desta forma, são colocados inúmeros desafios aos professores no ensino da leitura visando tornar os estudantes desde a educação infantil ao Ensino Fundamental em futuros leitores, crítico e reflexivos, capazes de produzir outros textos. A falta de leitura pode dificultar a interação do indivíduo com a sociedade, uma vez que "a leitura é a forma primordial de enriquecimento da memória, do senso crítico e do conhecimento sobre os diversos assuntos acerca dos quais se pode escrever" (GARCEZ, 2004, p. 23).

Nessa perspectiva, esta pesquisa surgiu a partir das nossas experiências como professoras que atuamos em salas de aulas do 1º ao 5º ano, em ver que os alunos durante a educação infantil e 1º ano, quando são envolvidos e motivados na leitura diária de histórias, textos informativos e, conseqüentemente a partir da interação com os textos, o interesse pela leitura vai fluindo, inicialmente ouvindo ou lendo na classe, depois querem escrever também as suas próprias histórias, apresentando assim bons resultados na sua maioria. No entanto, nos anos finais (4º e 5º ano) quando temos a oportunidade de reencontrar esses mesmos alunos em sala de aula, apresentam pouco interesse e baixo desempenho na leitura, muitas vezes, não conseguindo compreender o que lê, além das sérias dificuldades de produção textual. Desta forma surgiram os seguintes questionamentos: "O que as crianças pensam sobre a leitura"? As práticas de leitura escolares estão sendo interessantes para os alunos na atualidade? Que outras práticas de leitura as crianças têm acesso fora da escola? Durante nosso percurso acadêmico no curso de Pedagogia, especificamente nas disciplinas de Metodologia da Linguagem I e II, nas experiências com as PPPs e em disciplinas eletivas como Práticas de Letramento em espaços escolares e não escolares e Metodologia da Alfabetização, percebemos o quanto as estratégias de leitura podem influenciar o aluno na sua prática como leitor, a importância da maneira como são conduzidos os momentos de leitura pelo professor pode incentivar o aluno a buscar outras leituras fora da escola, tornando-se assim um bom leitor. Quando ensinamos a ler devemos levar em conta que esse ato é muito mais do que

possuir um alto cabedal de estratégias e técnicas, ler é, sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa (Solé,1996). Além disso, nos deparamos com estatísticas alarmantes que mostram o quanto o brasileiro ainda apresenta déficit na compreensão leitora, é o que comprova o PISA 2014, o país se encontra na 55ª posição no ranking de leitura do mundo. Muitos indivíduos decodificam as letras e palavras como se fossem símbolos ou códigos decoráveis, porém não compreendem de fato o que lêem, são incapazes até mesmo de interpretar frases curtas. Diante dessa problemática, muitos estudos se debruçaram sobre as práticas de ensino da leitura na escola (BARBOSA E SOUZA, 2006); (SOUZA, LEITE e ALBUQUERQUE, 2006); (LEAL e MELO 2006); (FERREIRA e DIAS, 2002); (BRANDÃO, 2006); (BRANDÃO e ROSA, 2005); (MAGALHÃES E PAULINO, 2014). Por outro lado, no universo em que pesquisamos encontramos poucas pesquisas, artigos e escritos que apontam diretamente o pensamento das crianças sobre a leitura. E é nessa perspectiva que consideramos importante a nossa pesquisa no sentido de chegar mais perto dos alunos para ouvir os seus interesses e desinteresses acerca da leitura. Achamos importante investigar os alunos do 4º e 5º ano que já são leitores proficientes e autônomos, porém nem sempre apresentam interesse pela leitura na escola e fora desse espaço.

Este estudo pretende investigar as práticas de leitura dos alunos nas séries iniciais, com intuito de trazer contribuições aos docentes no sentido de conhecer o que as crianças pensam sobre a leitura, o que contribuiu ou contribui para que eles tenham dificuldades ou facilidades em ler, compreender e se encantar pelo mundo da leitura. E ainda pretendemos com este trabalho contribuir com as reflexões já existentes sobre as práticas de ensino da leitura.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Compreender o que os alunos pensam sobre as práticas escolares e não escolares de leitura.

2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar o que os alunos dos anos iniciais gostam de ler;

- Analisar os materiais que os alunos costumam ler na escola;
- Perceber o que os alunos pensam sobre práticas de leitura vivenciadas em sua vida escolar e não escolar.

3. APREDIZAGEM E LEITURA NOS ANOS INICIAIS

Para uma melhor apresentação desta pesquisa, o referencial teórico foi organizado em três tópicos: (1) O ensino da leitura e seus aspectos históricos no Brasil; (2) As práticas e estratégias de leitura no ambiente escolar; (3) Os desafios na aprendizagem da leitura.

3.1 O Ensino da Leitura e seus aspectos Históricos no Brasil

A educação no Brasil ganhou destaque especialmente no século XIX com a proclamação da República. A escola consolidou-se como instituição de preparo para as novas gerações. A universalização da escola assumiu papel importante como instrumento de modernização e progresso do país. A leitura e a escrita que até então era objeto de poucos e que ocorria de forma rudimentar no próprio lar ou nas poucas escolas do império tornara-se objetos de ensino e aprendizagens escolarizados. As práticas de leitura, definidas como tecnicamente ensináveis, passaram a ser um ensino organizado, demandando para isto a formação de profissionais especializados. A aprendizagem da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização das crianças apresenta como passagem para um mundo novo, da cultura letrada, com novas formas de pensar e agir. Até o final do império, as poucas escolas que existiam funcionavam de forma precária com salas adaptadas em prédios pouco apropriados e atendiam a alunos de todas as séries, eram as aulas régias. O material que se dispunha para o ensino da leitura era também precário, embora já existisse algum material impresso produzidos na Europa, iniciava-se o ensino da leitura fazendo uso das cartilhas do ABC.

Castro (2012), em seu artigo intitulado: “A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança”, afirma que até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade única de educar, apresentar modelos, moldar a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra dificilmente tinha o objetivo de tornar a leitura como fonte de prazer, retratando a aventura pela aventura. Havia poucas histórias que falavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da vizinhança, da escola, da vida. Por volta dos anos 70 essa visão de mundo baseada no dualismo entre dois princípios opostos, normalmente o bem e o mal, calçada no interesse do sistema, passa a ser substituída e a literatura infantil passa por uma revalorização contribuída em grande parte pelas obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Ela então, se ramifica por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, penetrando até no campo da política e suas implicações.

Segundo historiadores, o termo “leitura” pode ser aplicado a práticas muito diferentes e historicamente variáveis, uma vez que, como eles têm observado, a maneira de ler mudou ao longo do tempo: mudanças decorrentes da estrutura dos próprios textos, das premissas adotadas a respeito do que eles significam, do contexto onde a leitura se desenvolvia. O ensino da leitura baseado no treino da habilidade de decodificação do código escrito, tão criticado nas últimas décadas do século XX, tanto nos textos acadêmicos quanto nos oficiais é uma prática antiga específica, criada e desenvolvida em um meio também específico: a escola. Ela se distancia das práticas sociais de leitura vivenciadas por diferentes grupos, em diferentes contextos e épocas (SOUZA, LEITE e ALBUQUERQUE, 2006. p. 26).

Os professores alfabetizadores com experiência em alfabetizar sabem pela prática pedagógica que não basta ofertar às crianças diversidade de gêneros textuais se não houver uma metodologia para que elas compreendam o funcionamento do código linguístico. Assim como é importante também que este gênero esteja inserido no seu contexto diário, dentro e fora da escola.

Hoje a dimensão de literatura infantil é muito mais ampla e importante. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis. Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias, além de favorecer a ampliação dos conhecimentos, podem promover reflexões sobre problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de explorar infinitos assuntos.

3.2 As Práticas e Estratégias de Leitura no Ambiente Escolar

“o modo como nos contextos escolares os indivíduos se encontram com os textos é reconhecidamente (...) determinante no seu futuro como leitores” (DIONÍSIO, 2000, p. 44)

Estratégias de leitura são procedimentos realizados pelo professor ou qualquer sujeito que se propõem a ler para outras pessoas, estes antecede o ato da leitura que será apresentada. São técnicas utilizadas com objetivo de aguçar a curiosidade e o interesse do ouvinte. Segundo Solé (1998), pode-se falar de procedimentos mais ou menos gerais em função do número de ações ou passos envolvidos em sua realização, da estabilidade na ordem destes passos e do tipo de meta a alcançar. As ações que praticamos no nosso cotidiano exigem procedimentos, para isso nos planejamos e buscamos estratégias que facilitaram a execução das ações, seguimos instruções que nos garantiram a consecução de um objetivo, de forma que nossa ação é praticamente controlada por tais instruções. Usamos nossa capacidade de pensamento estratégico, que embora não funcione como receita para ordenar a ação, possibilita avançar seu curso em função de critérios de eficácia (Solé, 1998, p.69)

Segundo Valls (1990), a estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos. Este mesmo autor indica acertadamente que as estratégias de leitura são suspeitas, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. Sua potencialidade reside justamente no fato de serem independentes de um

âmbito particular e poderem se generalizar; em contrapartida, sua aplicação correta exigirá sua contextualização para o problema concreto.

As estratégias de leitura dizem respeito às formas utilizadas pelo leitor para facilitar a compreensão dos dados informativos de um texto. Assim, os procedimentos adotados por cada um se diferenciam, uma vez que nem todos assimilam conhecimento da mesma forma. "O ensino das estratégias de leitura ajuda o estudante a aplicar seu conhecimento prévio, a realizar inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer o que não entende" (Solé 1998). De acordo ainda com essa autora, as estratégias são procedimentos cognitivos complexos, já que implicam a capacidade de refletir e planejar nossa própria atuação enquanto lemos.

Diversos estudiosos da Linguística Aplicada, como Terzi (1995), Solé (1998), Marcuschi (2001) e Menegassi (2010a; 2010b; 2010c; 2011), apontam que a pergunta utilizada pelo professor, em situação de ensino, determina a forma como o aluno posiciona-se frente ao texto, durante a leitura, influenciando na sua formação e no seu desenvolvimento como leitor. Desse modo, assim como as perguntas levam o aluno a uma gama variada de avanços nessa habilidade, tornando-os críticos que interagem com o texto que lêem, podem também propiciar a formação de um leitor apático, que apenas cumpre a leitura a partir da direção dada, sem manifestações de responsividade pertinentes (ANGELO e MENEGASSI, 2014).

Para que os alunos interajam de maneira mais efetiva com os textos de modo a garantir um maior envolvimento destes com a leitura, faz-se necessário que a leitura na sala de aula não seja algo dissociado da leitura que eles costumam fazer no dia a dia. A leitura como qualquer outro ato linguístico deve estar ligada a um propósito, deve desempenhar uma função social, porque na construção do sentido de um texto, os propósitos do leitor, são, no mínimo, tão importantes quanto as intenções do autor (LEAL E MELO, 2006, P. 55).

Arana, Albano, Ferreira, Lorenti (2013) concluem que a leitura na escola é fundamental para a formação do aluno leitor. A escola tem o papel de suprir a brecha que a sociedade e a família não atendem, buscando formas de fazer com que o aluno reflita sobre o mundo ao seu redor, interprete a vida em sociedade, além de dar oportunidade para que ele se supere e desenvolva a

competência e a autocrítica. Por conseguinte, o ambiente escolar é o ideal para o ensino desta prática. Para tanto, deve ser rico em recursos didáticos e em profissionais capacitados que saibam ministrar as estratégias necessárias para que haja excelência no ensino da leitura.

3.3 Os Desafios na Aprendizagem da Leitura

A leitura é um prazer vivido pelo indivíduo que aprende a ciência de juntar letras e descobrir as palavras, e conseqüentemente desbravar textos inteiros. Ainda há quem associe o ato da leitura a uma viagem fantástica, isso não seria enganoso, mas precisamos levar em conta que na sociedade atual, onde as crianças, jovens e adultos estão em contato com os mais variados meios de leitura na mídia, por exemplo, podem viver experiências diversas sem sair da cadeira que está na frente do computador.

Um dos grandes desafios a ser enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem (SOLE, 1998, p.32).

A leitura pode não ser compreendida apenas como um ato de liberdade, mas de responsabilidade, conhecimento e prazer, no entanto o professor não deve abrir mão do seu papel de orientador, e se responsabilizar pela formação do leitor que será seu aluno.

Para Solé (1987), a leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor, neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam a sua leitura.

Koch & Elias (2009) afirmam que a concepção de leitura pode ser definida conforme a concepção de sujeito, de texto e de língua que adotamos. Sendo assim, de acordo com essas autoras, quando se concebe a língua como representação do pensamento, entenderemos o sujeito como um “ser psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações” (p, 09) e o texto como um produto do pensamento do autor, cabendo, então, ao leitor um papel passivo, já que compete a este apenas “captar” essa representação mental, junto com as intenções do produtor do texto (SANTOS, 2009).

Luzia de Maria, Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, escritora e palestrante fluminense, dedica-se há mais de três décadas ao tema

leitura, em uma entrevista concedida à Revista Super Pedido (2014), afirmou que o ideal é que os livros e as histórias sejam apresentados às crianças muito antes do convívio escolar. “Costumo dizer: o bebê já sabe pegar chocalho? Está na hora de pegar aqueles livros miudinhos, feitos em papel cartonado, que estão cada vez mais lindos, com bichinhos de pelúcia nas capas, olhos que mexem, rabos que balançam etc”. Mas na escola brasileira, infelizmente, muitos estudantes chegam ao ensino médio sem nunca ter experimentado o prazer da leitura de um bom livro. E alguns trazem marcas de desprazer: receberam a obrigação de ler livros para os quais não tinham interesse nem maturidade de leitor para apreciar a leitura. Na formação de um leitor, é indispensável preservar o prazer da leitura. E para se preservar esse prazer, a liberdade de escolha é um dos pontos primordiais.

Nessa perspectiva, compreendemos a grande importância que a literatura exerce na vida da criança, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas idéias, em geral. De acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não.

Garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vigotsky (1992, p.128) caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.” Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: “afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VIGOTSKY, 1992, p.129)”.

4. METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, uma vez que teve com objetivo compreender o que pensam as crianças sobre as práticas escolares e não escolares de leitura. A pesquisa qualitativa busca a compreensão dos

fenômenos e o modo de interpretá-los, não utilizando instrumentos estatísticos (tabelas e gráficos) para o processo de análise de um problema de pesquisa. Não pretendemos numerar ou medir as variáveis do problema, mas deseja-se entender, de modo bem mais descritivo o fenômeno social (LIRA, 2014). Caracteriza-se, pois, por buscar uma apreensão de significados na fala do sujeito interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade (Fernandes, 1991).

Para isso, investigamos as práticas de leitura com 10 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, 4º e 5º ano. Como procedimento metodológico, realizamos entrevista semi-estruturada, rodas de conversa sobre leitura, nas quais abordamos o tema em questão e onde seriam oferecidos diferentes gêneros para serem escolhidos e lidos pelos alunos. Nas rodas de conversa sobre leitura utilizamos diferentes estratégias de leitura com o material oferecido a partir das escolhas desses sujeitos. Identificados pelas letras do alfabeto, conforme quadro a seguir:

Quadro dos alunos participantes:

ALUNO	IDADE
A	9 ANOS
B	9 ANOS
C	9 ANOS
D	9 ANOS
E	10 ANOS
F	10 ANOS
G	9 ANOS
H	10 ANOS
I	10 ANOS
J	10 ANOS

Fonte: Dados do trabalho

Optamos por esses procedimentos porque acreditávamos que ouvindo as crianças poderíamos nos preparar e oferecer algo que permitisse aos alunos o prazer de participar do nosso trabalho, vivenciando a leitura dos seus gêneros preferidos. A partir dessas experiências analisamos o que pensam as crianças

e quais suas preferências literárias, como se portaram diante das estratégias de leitura apresentadas por nós. De acordo com seus argumentos, analisamos o que fez ou fará com que se tornem ou não bons leitores, como gostariam que fosse tratada a questão dessas práticas na escola.

Inicialmente nos apresentamos numa turma de 4º ano e noutra de 5º ano, onde falamos do nosso trabalho de pesquisa, perguntamos quem gosta de ler, e todos disseram gostar; em seguida fizemos uma leitura deleite, usando as estratégias de leitura, mostrando o título, o autor, o ilustrador, perguntando se eles imaginavam de que tratava a história, durante a leitura a turma se mostrou bastante participativa, fazendo antecipações da história de forma coerente, chegamos a pensar que talvez já conhecessem a história, tal era a exatidão das respostas. No final da leitura as crianças relataram o que acharam mais interessante na história. Continuando, perguntamos quem gostaria de participar desse projeto, todos manifestaram o desejo de participar, para não frustrar o grupo decidimos que todos participariam das leituras e das rodas de conversa sobre as leituras, no entanto haveria uma seleção para escolher os que iriam participar das entrevistas, foram cinco alunos de cada turma, selecionados através de sorteio. Desta forma, entregamos uma solicitação para ser assinada pelos pais ou responsáveis autorizando às crianças a participarem do projeto.

Após o retorno da autorização, fizemos as entrevistas com os alunos, com perguntas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista baseia-se na utilização de um roteiro de perguntas que serão reorganizadas ao longo do processo, a partir das falas das crianças que foram pesquisadas. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Após a coleta e análise das respostas adquiridas fizemos a seleção das literaturas que seriam vivenciadas com os alunos, traçamos nossas estratégias de leitura, as quais nos auxiliaram nas rodas de leituras que realizamos. Tivemos quatro encontros de roda de leitura e conversas, oferecendo literaturas apontadas nas preferências dos alunos no momento da entrevista e seus desempenhos e envolvimento nos primeiros encontros. Após o término das rodas de leitura, finalizamos nossa intervenção com outra entrevista com

os alunos a fim de colhermos suas impressões sobre esses momentos vivenciados.

Desta forma, a partir dos estudos teóricos e os momentos de campo, junto aos sujeitos da pesquisa, obtivemos dados fundamentais para o desenvolvimento do trabalho que pretendíamos realizar.

5. ANÁLISE E RESULTADOS

As análises estão organizadas em cinco tópicos relativos às práticas de leitura na vida escolar e não escolar das crianças e o que essas pensam. Os quatro primeiros apresentam as informações organizadas em quadros que apontam a contagem dos gostos e opiniões pelas leituras vivenciadas. O quinto e último tópico é o complemento que foi utilizado como metodologia para compreender melhor as opiniões e preferências das crianças acerca da leitura, as rodas de conversas sobre leitura.

O primeiro refere-se às literaturas que as crianças apreciam. O segundo apresenta o que as crianças costumam ler na escola. O terceiro expõe as opiniões das crianças sobre as práticas escolares de leitura. No quarto as opiniões das crianças sobre as práticas de leituras não escolares. O quinto e último refere-se ao que as crianças vivenciaram nas rodas de leitura, suas opiniões e sugestões para atividades futuras com momentos de leitura.

5.1. Leituras: O que as crianças apreciam?

De acordo com de Maria (2014), na formação de um leitor é indispensável preservar o prazer da leitura. E para se preservar esse prazer, a liberdade de escolha é um dos pontos primordiais. Tomando como referência o pensamento da autora e a experiência vivenciada com as crianças, percebemos que é através dessa liberdade de escolha que elas tomam conhecimento de diversas obras, podendo nesse contato descobrir quais tipos e gêneros mais lhes agradam e o que chama sua atenção em cada história.

Quando perguntadas sobre os textos literários que mais apreciam, as crianças entrevistadas nos apresentaram respostas diversas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: O que as crianças apreciam na literatura.

O QUE AS CRIANÇAS GOSTAM DE LER	QUANTIDADE
Literatura Infantil (crônica, romance, comédia, aventura)	5
História em Quadrinhos	4
Obras complementares/paradidático	1
Total	10

Fonte: Dados do trabalho

Como bem percebemos, o gosto das crianças pela leitura é bastante variado, é notável também que essas não estão mais presas apenas aos contos clássicos, vem inovando, essa apreciação ficou bem clara na fala de um aluno:

“gosto de saber sobre água, animais e tudo sobre o planeta”(aluno D).

Além disso, as crianças criam uma relação de amizade com as personagens enquanto lêem as histórias a ponto de se imaginar sendo a própria personagem como afirmaram os alunos na entrevista:

“a gente fica pensando que poderia ser a personagem principal da história” (aluna I).

“nas histórias em quadrinhos os personagens falam com a gente” (aluno B).

“gosto de rir das personagens”(aluna F).

Cada um, à sua maneira e linguagem própria, justifica o gosto pelo que lê. Algo que ficou marcado nas nossas conversas com as crianças é até onde a imaginação vai, a viagem que o leitor é capaz de realizar enquanto está lendo determinada história, chegando ao ponto de pensar que ele poderia ser aquela personagem. Devemos estar atentos ao processo em que a criança constrói sentido para a leitura na sua relação com o livro infantil (MAIA, 2007, p.100).

5.2 Leituras que as crianças costuma realizar na Escola

Na nossa sociedade, os livros didáticos acabaram determinando conteúdos, condicionando estratégias de ensino e marcando, de forma bastante incisiva, o que se ensina e como se ensina em nossas escolas

ALBUQUERQUE E COUTINHO (2006, p. 78). É importante destacar, inclusive, que, em muitos contextos, eles constituíram-se no único material de acesso ao conhecimento, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. (Cf. SILVA, 1996; LAJOLO, 1996; CORACINI, 1999).

No que se refere às leituras que as crianças costumam realizar na escola as entrevistadas tiveram opiniões bem coincidentes, como poderemos verificar no quadro 2.

Quadro 2: Finalidades da leitura na escola.

FINALIDADES DA LEITURA NA ESCOLA	QUANTIDADE
Leitura para fazer as atividades e trabalhos	10
Leitura para fazer a ficha do paradidático	10
Leitura para as atividades do projeto didático	4
Leitura para complementar o horário	6

Fonte: Dados do trabalho

Como confirma o quadro acima, a leitura na escola geralmente está ligada ao que os livros trazem, o que o currículo determina para cada ano, os projetos que serão desenvolvidos no decorrer do ano letivo. É importante destacar, inclusive, que, em muitos contextos, eles constituíram-se no único material de acesso ao conhecimento, tanto por parte dos professores quanto dos alunos, conforme apontado em alguns autores como: SILVA (1996); LAJOLO (1996); CORACINI, (1999). Nas falas das crianças durante as entrevistas fica clara a influência e o peso dos livros, das atividades didáticas e obrigatórias nas práticas diárias de leitura na escola, como conferimos em algumas falas:

“a gente ler para fazer as atividades todo dia” (aluna E).

“toda unidade temos um paradidático para ler e fazer a ficha de leitura e / ou reescrita” (Alunos B, C, D e J).

“a gente tem um livro **O menino de dinheiro**, toda aula de projeto a gente ler, às vezes só, às vezes com a tia” (Aluno A).

Quanto à leitura livre, as crianças relatam que tem um tempinho no final da aula ou nas horas vagas, não há um momento exclusivo para leitura de livre escolha oferecida pelos professores, confirma-se nas falas abaixo:

“em todas as salas da escola tem uma cesta de livros, quando tem hora vaga ou no final da aula a gente ler, antes de tocar”(Aluna C).

“na minha sala tem uma cesta de livros, no final da aula a gente pode pegar para ler”(Aluno D).

Embora a escola disponha de acervo literário infantil de fácil acesso para as crianças, não proporciona momentos para que essas possam escolher e ler como preferir. Um aluno ainda acrescentou que só tinha incentivo à leitura no 1º ano, depois não teve mais.

“acho que é porque a gente já aprendeu a ler” (aluno D).

Concordando com Machado (2002), diríamos que o ato ler proporciona uma construção de interação e liberdade. A escola, através da obrigatoriedade da leitura em atividades unicamente didáticas não promove o desenvolvimento do prazer pela leitura. Ao contrário, quando a escola possui uma prática metodológica que assegura estratégias de leitura, materiais adequados e espaço para a reflexão e o deleite, favorece a formação de leitores qualificados.

5.3. Opinião das Crianças Sobre as Práticas Escolares de Leitura

Em nossa vida acadêmica, nos congressos de educação e cursos de aperfeiçoamentos que participamos do âmbito educacional, ouvimos sempre o discurso de que a escola deve pensar práticas e estratégias que favoreçam a formação do leitor. Conforme Arana, Albano, Ferreira, Lorenti (2013), a escola tem o papel de suprir a lacuna que a sociedade e a família não atende, buscando formas de fazer com que o aluno reflita sobre o mundo ao seu redor, interprete a vida em sociedade, além de dar oportunidade para que ele se supere e desenvolva a competência leitora e a autocrítica. Talvez esses objetivos acontecessem de forma mais significativa se o sistema educacional ouvisse o que dizem e o pensam as crianças sobre a leitura.

Nessa perspectiva, as opiniões das crianças sobre as práticas escolares de leitura revelam os sentimentos delas sobre essas práticas. As situações apontadas pelos alunos não divergem tanto, é o que poderemos conferir no quadro 3 a seguir.

Quadro 3: O que as crianças pensam sobre as práticas escolares de leitura.

PRÁTICAS DE LEITURA ESCOLARES	OPINIÕES POSITIVAS	OPINIÕES NEGATIVAS
Ler para fazer trabalhos (paradidáticos)	4	6
Ler nos projetos didáticos	4	6
Leitura para completar o horário	6	4

Fonte: Dados do trabalho

Nas opiniões das crianças sobre as práticas escolares, algumas acham que podem aprender mais com a leitura para as atividades, nos paradidáticos, outras acham que tira a vontade de ler, outras julgam cansativo, e há ainda, as que afirmam que o paradidático seria melhor se não tivesse que fazer ficha ou reescrita da história, é o que comprovamos nas falas:

“lendo para fazer os trabalhos e as atividades a gente aprende mais”(aluna E).

“as leituras do projeto são interessantes”(aluno B).

“quando a gente fica lendo o tempo passa mais rápido”(aluna C).

“ler só para fazer atividade as vezes é cansativo”(aluno I).

“o paradidático seria melhor se não tivesse que fazer ficha e reescrita”(aluna F).

Novamente vem à tona a questão de a escola não proporcionar o prazer em ler, de descobrir um mundo de sentimentos e de desejos, de limitar a criança ao contato apenas com textos de livros didáticos. Que fruição pode ser despertada com textos tão vazios? Que curiosidade pode ser despertada com textos tão previsíveis? (Maia - 2007, p.100). A escola é um espaço que privilegia, em sua maior parte, a leitura do livro didático, não deixando um espaço para a leitura de livros diversos (histórias, romances, clássicos infantis), expondo assim à criança ao que há de mais inconsistente, incoerente e incompreensível em matéria de textos (KLEIMAN, 2001).

5.4. Opinião das Crianças sobre as Práticas de Leitura não escolares

Nesse mesmo contexto de compreender as opiniões das crianças sobre leitura, foi possível ouvi-las também sobre suas práticas não escolares de leitura, conforme o quarto e último quadro que apresentaremos.

Quadro 4: opiniões das crianças sobre suas práticas não escolares de leitura.

PRATICAS DE LEITURA NÃO ESCOLARES (SOCIAIS)	OPINIÕES POSITIVAS	OPINIÕES NEGATIVAS
Leitura em livrarias	5	5
Leitura em casa	5	5
Leitura em feirinhas de livros	6	4

Fonte: Dados do trabalho

As praticas de leitura fora da escola ou práticas sociais, como podemos assim chamar variam bastante de ambientes, desde a moradia do leitor até uma livraria, feirinha de livros, bibliotecas e casa de parentes. O que percebemos nos relatos das crianças é que essa é uma prática pouco incentivada quando se trata do ler por prazer, as famílias cobram a leitura do paradidático para fazer os trabalhos da escola, ler para não tirar nota baixa, leitura para realizar as atividades. As famílias estão muito mais preocupadas nos resultados que os filhos obterão na escola do que com o prazer pela leitura, não pensam neles como futuro leitores. Segundo os relatos das crianças entrevistadas, as famílias não têm tempo para ler com os filhos em casa e noutros espaços, conforme foi relatado nas falas a seguir:

“gosto de ler em casa sozinha”(aluna G).

“é legal porque conheço melhor os personagens”(aluna H).

“em casa só leio para fazer as tarefas da escola, é chato”(aluno A).

“na feirinha de livros é bom porque você pode escolher o que quiser para ler e pode comprar”(aluna J).

“em casa eu leio com minha mãe o paradidático para fazer o trabalho na escola”(aluno B).

“nunca fui ler em feirinhas de livros, acho que tem muita gente, deve ter muito barulho”(aluna E).

“nunca fui ler numa biblioteca” (alunos D e I).

A impressão que dá é que as crianças já se acomodaram com a situação, com essa cultura de ler para realizar as atividades, ou seja, são condicionadas às leituras para finalidades educacionais. Em um projeto de pesquisa realizado por Reginatto (PUCRS, 2007), em que aborda as práticas de leitura distante do contexto escolar, pensando num contexto socializador, diz que a idéia de formar uma sociedade leitora, de estimular o gosto pela leitura em crianças e jovens, deve ser uma ação, uma missão a ser seguida e cobrada por todos, partindo desde a base elementar da sociedade (a família), seguindo em direção às etapas de escolarização e pós-escolaridade. Sob o ponto de vista de Cavalcanti (2008), estimular o gosto pela leitura não é tarefa fácil, e essa responsabilidade não pode ficar restrita à escola. Os pais devem participar dessa construção do novo leitor, incentivando a leitura, tornando-a um momento de lazer e integração familiar. O processo de incentivo à leitura deve ser estimulado, na criança, desde a infância, permitindo que ela, futuramente, seja uma leitora assídua, atuante e consciente do seu papel na sociedade.

5.5. O que foi vivenciado nas Rodas de Conversas Sobre Leitura

O professor doutor Hércules Toledo (2014) diz que as rodas de leituras consistem na reunião de leitores que farão seus relatos e opiniões sobre suas leituras, muito utilizadas com leitores em formação (crianças da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental). Normalmente os chamados mediadores de leitura (professores, contadores de história, bibliotecários e outros profissionais ou pessoas envolvidas com a temática) lêem com ou para os demais. Embora comumente seja realizada em círculo, daí o nome de roda, essa prática admite que os participantes se coloquem em semicírculos ou que fiquem deitados em tapetes ou colchonetes. Em uma roda de leitura são comuns as seguintes atividades: motivação para a leitura, apresentação do autor e da obra, a leitura do texto em si e uma roda de conversa, debate ou discussão sobre a obra lida. Geralmente a obra a ser lida na roda é escolhida pelo mediador ou pelos próprios participantes. O que distingue uma roda de

leitura de uma contação de histórias é basicamente a forma como se posicionam os ouvintes e os contadores de histórias.

Visando atender às nossas perspectivas e compreender o que as crianças desejam e pensam de fato sobre a leitura, realizamos duas rodas de leitura e conversa com alunos do 4º e 5º ano. Logo que chegamos, uma aluna veio nos mostrar o livro que estava lendo, “Uma professora muito maluquinha” de Ziraldo, já foi adiantando de que tratava o livro, quais as idéias da professora maluquinha, parecia encantada com a história. Para não desperdiçar toda empolgação, ouvimos sua narrativa impressionadas com a precisão de suas palavras e compreensão da obra, aproveitamos para elogiarmos. Com os alunos em círculo, apresentamos os livros dispostos no chão, no meio da sala, atendendo ao máximo os gostos citados nas entrevistas, os gêneros preferidos dos alunos. De imediato foram todos para cima, imaginamos que não sobraria nenhum livro inteiro, parecia que estávamos fazendo “bamburim” de doces, pedimos calma e solicitamos que fosse um ou dois de cada vez e, caso alguém pegasse o livro que o outro gostaria de ler, deveriam combinar uma troca depois que lessem. E assim conseguiram se organizar, alguns leram sozinho outros se juntaram em duplas porque queriam a mesma história. Foi um momento descontraído, alegre e de compartilhamento. Depois conversamos sobre as razões de terem escolhido tais livros, alguns comentaram com empolgação a leitura, uns diziam escolher pela capa que chamou atenção, outros disseram pelo tipo da história ou ainda por já conhecer a obra. Ao final desse momento combinamos que na próxima roda cada um deveria trazer uma história que leu e gostou para expor suas idéias e dizer por que gostou, por que indicaria aos outros.

Na turma do 5º ano as crianças também tiveram a mesma reação ao ver os livros dispostos no chão, foram todos para cima, acalmamos e orientamos como poderiam se organizar, assim como fizemos no 4º ano. Durante a leitura percebemos que dois alunos trocaram de livro mais de uma vez, pareciam não terem encontrado a história que os agradasse, enquanto outra aluna até ria enquanto lia, em profunda intimidade com as personagens. Ao final, na conversa sobre as escolhas percebemos alguns ainda tímidos sem muitas palavras sobre o que leu, outros foram bem determinados sobre sua escolha,

conforme diz uma aluna: “essa história é muito engraçada (Chapeuzinho adormecido no país das maravilhas), o pai vai contar para a filha a história que ela já sabe, é uma história de outra história”. Os dois que trocaram de livro explicaram que pegaram outra história porque ficaram curiosos com o título das duas, queriam ver se era interessante mesmo, e foi, “era uma história de respeito e superação dos defeitos dos outros, acho que é uma lição de vida” (A fábula dos porcos espinhos). Uma aluna comentou com a professora que antes esse tipo de atividade era realizada na escola e agora não era mais, ela gostaria que voltasse. No final, alguns alunos pediram os livros emprestados para continuar lendo em casa. Combinamos então, que no nosso próximo encontro cada um deveria trazer sua obra preferida que já leu e gostou para falar sobre ela, o que lhes atraiu na leitura.

No encontro seguinte juntamos os alunos do 4º e do 5º ano para conversarmos sobre as leituras que realizaram, conforme combinamos no último encontro. Foi incrível, as crianças narraram com entusiasmo suas experiências, cada um justificando à sua maneira com palavras próprias os sentimentos inspirados pelas histórias, independente do gênero, mas pelo que consta na obra, o que atraiu sua atenção.

Conferimos nas falas das crianças abaixo, o que elas sentiram:

“O diário de um banana é uma história de criança, mas mostra umas coisas engraçadas do dia a dia”(aluno B).

“eu escolhi poema porque no poema parece que as palavras são pra gente”(aluna J).

“a professora maluquinha ensina aos alunos coisas pra vida, ela ensinava sobre tudo”(aluna C)

“De onde vem a água? faz a gente pensar sobre os recursos do planeta”(aluno D).

”Como treinar seu dragão, é um livro grosso, mas é bom para criança, é divertido”(aluno I).

“E o dente ainda doía, fala de um jacaré que estava com dor de dente e todos os animais foram ajudar, mas só o ganso conseguiu”(aluna C).

As opiniões acerca das rodas de leitura foram impressionantes, o encanto que as crianças têm pela leitura, pelas personagens e até mesmo pelas

informações que as histórias passam, afasta a ideia de que as crianças não gostam de ler, que não simpatizam por livros grossos, tudo só depende incentivo e liberdade de escolha sem exigência para realização de atividades, fichas e trabalhos obrigatórios para nota.

Finalizado o trabalho com as rodas de leitura, voltamos a entrevistar as crianças, agora para ouvi-las sobre os sentimentos durante esses momentos, destacamos as seguintes falas:

“gostei porque além da gente ter mais conhecimento, a gente até ver nomes de países assim e capitais e achei muito legal e divertido, eu queria que continuasse o projeto”(aluno A).

“eu gosto da leitura porque orienta a muitas pessoas, isso pode educar mais e pode fazer a gente soltar a imaginação”(aluno D).

“a roda de conversa sobre leitura transformou a gente em crianças que gosta de ler e se continuar até o final do ano, será melhor, e foi um incentivo intelectual”(aluna H).

“eu fiquei muito feliz com o livro que li e queria que durasse até o final do ano”(aluno I).

“eu queria que continuasse acontecendo pelo menos uma vez na semana, pelo menos a gente passa o tempo fazendo uma coisa que a gente acha legal”(aluna F) .

Diante do resultado das rodas de leitura concluímos que esse foi um recurso importante, uma vez que nos proporcionou a oportunidade de estarmos próximas às crianças vivenciando aquilo que para elas foram momentos agradáveis e diferentes do que fazem na escola todos os dias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, tanto nos aspectos teóricos como nas atividades de campo descobrimos o quanto a leitura se faz necessária para formação do cidadão crítico e reflexivo. No entanto, percebemos que o universo em que se situam as crianças, família e escola, essa prática ainda deixa muito a desejar. Embora, as crianças pertençam uma classe social mais favorecida economicamente, os incentivos não são suficientes para levar os

futuros leitores ao encontro com os livros. Os mesmos não possuem práticas rotineiras e prazerosas de leitura com os filhos. Estão presos ao compromisso didático escolar, às obrigações que a escola impõe, por não terem tempo de estarem mais próximas das suas crianças, o pouco tempo que lhes restam em sua companhia dedicam a auxiliá-las nas leituras de livros paradidáticos e didáticos para que realizem com êxito as fichas de leitura, as atividades, os trabalhos e por fim as velhas provas mensais ou bimestrais.

O que nos alegrou neste trabalho foi perceber o quanto as crianças estão abertas e dispostas a mergulharem no mundo da leitura, desde que lhes sejam oferecidos momentos livres e agradáveis para a leitura, que não seja obrigatória, apenas para fazer fichas de leitura, reescritas e atividades. Isso não quer dizer que as crianças se negam às suas atividades convencionais e necessárias à sua aprendizagem, mas que seja dada a elas a oportunidade de escolher suas obras preferidas, de ter horário livre para curtir a leitura sem o compromisso de ter que ler para uma finalidade didática.

Por fim, consideramos que o tema tratado nessa pesquisa é de grande importância, não somente para nós como concluintes do curso de pedagogia, mas para todos docentes e familiares que visam formar futuros leitores. É necessário alimentar o desejo pela leitura, pensar novas práticas para sala de aula que permitam aos estudantes o convívio com as obras literárias dos mais variados gêneros. Foi interessante que as crianças que participaram da pesquisa, em sua maioria não optaram apenas por livros finos, de poucas páginas e de fácil compreensão, mas conduziam livros volumosos, para elas o importante era a história ser agradável, do gosto delas, isso foi surpreendente.

Tendo em vista tudo que foi relatado nessa pesquisa, é fundamental que outros estudos e pesquisas também se dediquem ao tema tratado. Isso contribuirá para o incentivo aos docentes que atuam em sala de aula, no sentido de proporcionar momentos agradáveis, de leitura livre e valorização da leitura realizada pelas crianças e, ouvi-las, faz toda diferença.

“É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem

precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17)”

7. REFERENCIAS

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira De Figueredo. **Práticas de leitura no ensino fundamental** / organizado por Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo e Ivane Pedrosa de Souza – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COLEÇÃO QUESTÕES DA NOSSA ÉPOCA; v. 44. 5ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

CORREA, Hércules Toledo. Universidade Federal de Ouro Preto: ceale, 2014.
ENSINO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA - Lucicleide Maria de Cantalice
Universidade São Francisco - revistaabrapee@yahoo.com.br.

FIALHO, Francisco Antônio Pereira ; OTANI, Nilo ; SOUZA, Antônio Carlos de, **TCC: métodos e técnicas**.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
O livro “**Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever.”

KOPKE, H. F. (2001). **Estratégias em compreensão da leitura: conhecimento e uso por professores de língua portuguesa**. Tese de doutorado em lingüística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

LEFFA, V. J. **Aspectos da Leitura. Uma perspectiva psicolingüística**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

ANNE-MARIE, Chartier **Leitura escolar Entre pedagogia e sociologia** Institut Universitaire de Formation des Maîtres de l’Académie de Versailles.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores/** Joseane Maia – São Paulo: Paulinas, 2007 – (coleção literatura e ensino).

Menegassi, Angelo. **Universidade Estadual de Maringá**; Universidade Estadual do Centro-Oeste Maringá – Paraná / Brasil.

NUNES, T. et al. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: teoria e prática**. **COLEÇÃO QUESTÕES DA NOSSA ÉPOCA**; v. 44. 5ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

SOLE, Isabel. **REVISTA PRÁTICAS DE LINGUAGEM** / Universidade Federal De Juiz De Fora. - - V. 4, N. 1 (JAN. 2014)-. -- Juiz De Fora: Universidade

Federal De Juiz De Fora, Faculdade De Educação, 2014 - SEMESTRAL
Estratégias de leitura / Isabel Solé; trad. Cláudia Shilling – 6.ed. – Porto Alegre:
Artmed, 1998.